

O MILITANTE

INFORMATIVO NACIONAL do MPS - Editado sob responsabilidade do Núcleo de Comunicação Antônio Houasis da Coordenação de Mídias, Redes e Comunicação do MPS e do Núcleo de Base de Midiativismo do MPS - Movimento Popular Socialista - PSB



Jornal O MILITANTE do MPS - Ano 03 - n'024 - Fevereiro de 2022

EDITORIAL

Logo após março de 2018 quando assumimos a direção nacional do MPS – Movimento Popular Socialista - e o fizemos no propósito de desenvolver as políticas partidárias do PSB adequadas as estratégias do MPS e estabelecer com o desenvolvimento destas políticas partidárias, *de recrutamento e treinamento, formação política, organização de base, mobilização popular* dentre outras, *uma política de mídia, redes e comunicação* que aproximasse nossa direção da militância assim como permitisse uma maior pressão de nossa militância junto as direções nos estados. Acreditamos que conseguimos, porém, ainda faltando atingir alguns degraus devido a forma esporádica de publicação do *Jornal O MILITANTE*, que somente agora estamos conseguindo fazer-lo circular semanalmente a partir de 1º de abril.

Foram vinte e três (23) números nestes últimos anos e agora esperamos levar informações e notícias a nossa militância para que ela tenha um completo domínio de tudo que acontece assim como a orientação necessária a condução política das políticas do partido e do segmento.

A retomada da ideia original, onde tínhamos a intenção de fazer circular nosso jornal semanalmente, e também por este ser o porta-voz da direção do MPS nacional se fortaleceu na medida que novos militantes integrados

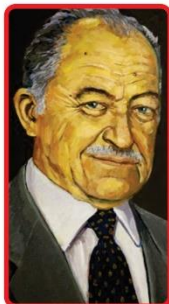
a nossa política de midiativismo se constituem num núcleo ideológico combativo disposto a levar adiante esse projeto revolucionário e que é apenas parte de um projeto maior, integrado a circulação da Revista O QUADRO, de caráter formativo a ser elaborada e distribuída mensalmente.

Por outro lado, dentro desse projeto onde foi instituída a *Política Nacional de Comunicação, Mídia e Redes do MPS*, sob coordenação da companheira BIA CARDOSO, também está sendo preparado para ser lançada as redes de comunicação do Movimento Popular Socialista completamente renovado, como o Facebook, o Instagram, o Twitter, o Site e o canal do YouTube.

Após um seminário onde foi realizado com a presença de dezenas de militantes e a participação de vários companheiros e companheiras de todos os estados acreditamos que a principal força do projeto está exatamente na política de participação promovida e com o apoio dos secretários estaduais de mídia, redes e comunicação do MPS.

Contamos com você e sua colaboração, produzindo textos, enviando notícias do seu estado para publicação e divulgando e distribuindo em seus grupos de WhatsApp e redes sociais o nosso *Jornal O MILITANTE*.

**Por Arraes
Eduardo
e Julião.
Somos a
Revolução.
VENCEREMOS**



**Por um PSB
de quadros
e de massa;
E um MPS nas
ruas e nas redes.
VENCEREMOS**



**AUTORREFOMA - A Revolução Cultural das bases partidárias.
Um Novo PSB. Uma Nova Esquerda. Uma Nova Internacional.**



MPS realiza congressos e começa a eleger novas executivas estaduais e delegados ao congresso nacional.

O Movimento Popular Socialista realizará congressos estaduais nos vinte e sete estados do país. Para isso já realizou até esta data, 12 de fevereiro, cinco congressos estaduais, no caso nos estados de Pernambuco, Sergipe, Roraima e Rio Grande do Sul.

Os demais estados farão seus congressos, alguns ainda no mês de fevereiro e outros durante o mês de março. Todos em conjunto, mas antecedendo os congressos do PSB.

O MPS elaborou um Manual de orientação dos Congressos e Cadernos de Teses que vem facilitando a organização dos referidos congressos municipais e estaduais.

O Congresso Nacional do MPS e do PSB acontecerão em abril próximo. O do MPS será realizado no dia 28 de abril. No dia 30 de janeiro o Secretário Nacional ACILINO RIBEIRO entregou à Comissão de Sistematização de Teses da Autorreforma as quarenta (40). Teses que compõem a proposta do Movimento Popular Socialista e que serão levadas ao o congresso do PSB para deliberação.

MPS reúne seus quadros acadêmicos e cria Escola de Formação de Quadros e Lideranças – EFOQ e o Projeto UNIPOP – Universidade Popular.

Dentro da perspectiva de ampliar a formação política de sua militância, o MPS através de proposta do Secretário Nacional Acilino Ribeiro, criou a *Escola de Formação de Quadro e Lideranças – EFOQ*, que será autossustentável, dentro do projeto de **Economia Criativa Partidária** do MPS e que funcionará inicialmente ON-LINE, com diversos cursos de Integração Partidária, Educação Política, Cultura Ideológica, Educação Popular e outros de Pós-Extensão.

Juntamente com a EFOQL foi lançado o Projeto UNIPOP - Universidade de Políticas do Movimento Popular que coordenará também a implantação da Video-Biblioteca, física e virtual.

A lista de cursos será lançada publicamente no congresso do PSB e do MPS a escola será dirigida pela própria militância do Movimento Popular Socialista sob a coordenação da Coordenação de Formação Política e que tem como coordenador o ex-vereador e ex-vice-prefeito de Caxias do Sul, RS, Elói Frizzo.

No próximo número publicaremos fotos e matérias dos congressos municipais e estaduais do MPS em todo o país. Para isso solicitamos que nos enviem fotos e dados dobre os mesmos.

**Por
MARX
LENIN
CHE e
ARRAES**

**Formação,
Organização,
Mobilização,
Revolução e
Libertação**

**AUTORREFOMA - A Revolução Cultural das bases partidárias.
Um Novo PSB. Uma Nova Esquerda. Uma Nova Internacional.**

Reunião do presidente Carlos Siqueira com bancada de parlamentares da Câmara.

Nesta terça-feira (08), durante reunião que durou mais de quatro horas, o presidente Carlos Siqueira e a bancada de deputados federais do partido no Congresso Nacional, definiram os principais pontos que o PSB reivindica para efetivar a federação. Os parlamentares que estiveram presentes na reunião, demonstraram total afinidade e apoio aos pontos levantados pelo presidente Carlos Siqueira, para viabilizar a federação.

Os pontos são os mesmos já levantados em artigo do ex-deputado Domingos Leonelli, como a composição dos

50 membros da direção Nacional de forma mais equilibrada e levando em conta, além da representação federal dos partidos, o número de prefeitos e governadores que esses eles possuem. “Isso manteria, mas moderaria a força majoritária do PT no interior da federação”, explica Leonelli.

Na quinta feira, 10 se realizou a reunião entre os presidentes nacionais do PSB, PT, PV e PCdoB, onde se avançou na construção da Federação.

Combinar Combates Democráticos com Ações Socialistas

Hermínio Sacchetta

Afere-se o caráter de um partido que se proclama proletário por sua posição ante o Estado *burguês*. Ou se é revolucionário marxista e, conseqüentemente, a luta será, a curto ou a longo prazo, pela *destruição* do "comitê executivo" da classe dominante e sua substituição pelo poder operário ou, então, se é reformista pequeno-burguês e tratar-se-ia, pois, de *melhorar*, por vias legais, o aparelho estatal da burguesia, em benefício dos trabalhadores. Não há outra alternativa: *luta armada* contra o poder capitalista para abatê-lo ou ações econômicas e políticas *legais* para, *pacificamente*, tornar o estado burguês esfomeador e opressor *menos esfomeador e menos opressor*. A história contemporânea oferece resposta concludente: não há um só país em que o proletariado tenha se libertado da escravidão capitalista por meio de reformas do Estado burguês. Onde a classe operária chegou *efetivamente* ao poder, ainda que por tempo relativamente curto, o conseguiu através da violência, num processo de batalhas revolucionárias de classe, culminando na *insurreição armada*. Ninguém pode recusar esta verdade elementar, que emerge da história de nossa época.

Entenda-se, pois, que não há outro caminho para a instauração do Socialismo se não o da luta armada, desencadeada pelo proletariado revolucionário em aliança com as massas *trabalhadoras* não proletárias. Todavia, as batalhas da classe operária pelo poder que têm como ponto culminante a insurreição armada não são fruto, unicamente, de impulsos *subjetivos* ou da decisão "voluntarista" de líderes, por mais bem intencionados que estes possam ser. Há condições determinantes intransponíveis, que, se não forem observadas, redundarão, pura e simplesmente, em "golpes", "putches", arrastando para o desastre as vanguardas revolucionárias, com sua destruição física ou dispersão. O fracasso das vanguardas trará o terror policial para as massas trabalhadoras. O Brasil já teve, neste sentido, sua trágica experiência de 1935. E não faltam disso abundantes exemplos na história de nossos tempos. As condições determinantes da luta armada do proletariado pelo poder, ou melhor, da insurreição — momento decisivo do processo revolucionário das massas — foram exaustivamente estudadas pelos teóricos do marxismo, de modo particular [Marx](#), [Engels](#) e [Lenin](#). Este, refutando o radicalismo sem amparo na realidade, inspirado por "fantásticas palavras-de-ordem infantilmente esquerdistas" que isolam a vanguarda revolucionária das massas trabalhadoras, diz:

A lei fundamental da revolução, confirmada por todas elas e, em particular, pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: para a revolução não é

suficiente que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem mudanças. Para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver nem governar como antes. Só quando as "camadas inferiores" não querem o velho e as "camadas elevadas" não podem sustentá-lo nos moldes antigos, só então pode triunfar a revolução. Em outros termos, esta verdade se expressa do modo seguinte: a revolução é impossível sem uma crise nacional geral (que atinja explorados e exploradores). Por conseguinte, para a revolução deve-se conseguir, primeiro, que a maioria dos trabalhadores (ou, pelo menos, a maioria dos trabalhadores conscientes, reflexivos, politicamente ativos) compreenda, profundamente, a necessidade da revolução e esteja disposta a sacrificar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes governantes atravessem uma crise de governo que empurre para a política até as massas mais atrasadas (o sintoma de toda revolução verdadeira é a decuplicação, a centuplicação do número de homens aptos para a luta política, representantes da massa trabalhadora oprimida, antes apática), que leva à impotência o governo e torne possível sua rápida derrubada pelos revolucionários. (Lenin — [O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo](#) — Edições em línguas estrangeiras — Moscou, 1944).

Este passo da referida obra de [Lenin](#), o magistral tático e estrategista da Revolução Russa, baseando-se, *basicamente*, nas lições extraídas desta, dá, como se vê, ênfase à necessária combinação dos fatores *subjetivos* e *objetivos* e, de modo especial, à *indispensável* presença da "maioria dos trabalhadores (ou, pelo menos, da maioria dos trabalhadores conscientes, que refletem, politicamente ativos)", no processo revolucionário.

Serão velharias de arquivo estas considerações teóricas de [Lenin](#) tomadas da experiência real? *Não pensamos assim*. Antes de [Lenin](#), generalizações da mesma ordem e, de igual modo, extraídas da experiência viva, foram formuladas por [Marx](#) e [Engels](#) em "*Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*", quando apresentam a *insurreição como uma arte*.

Sumariamente, pode considerar-se o fator *subjetivo* como existente quando os partidos proletários revolucionários se impõem na arena política e os trabalhadores compreendam "profundamente a necessidade da revolução" e estejam dispostos "a sacrificar a vida por ela". Quanto ao fator *objetivo*, entre outras coisas é "necessário que os exploradores não possam viver nem governar como antes... que as classes dominantes atravessem uma crise de governo que empurre para a política até as massas mais atrasadas".

Depois de [Marx](#), [Engels](#) e [Lenin](#), o Estado Burguês deixou de ser o "comitê executivo" dos exploradores e o Capitalismo se "humanizou" de modo a ganhar a adesão da classe operária? *De forma nenhuma.*

Assim sendo, continuam plenamente válidas as considerações teóricas dos mestres do marxismo bem como os princípios táticos e estratégicos por eles formulados.

A política proletária revolucionária deve ser, a um só tempo, ciência e arte e expressar-se pelos partidos da classe operária. O verbalismo pretensamente radical nos meios pequeno-burgueses, principalmente no Brasil, que de nacionais-reformistas até ontem, agora bancam ultra esquerdistas, nada têm de comum com os setores avançados da classe operária. É verdade que estes mal começam a repor-se sobre os próprios pés, depois do golpe neofascista de 64 para conter a aventura nacional-reformista, estimulada e, mesmo, em parte diretamente promovida por supostas "vanguardas" do proletariado.

A contrapartida do "pecado" de direita, ultra oportunista, se apresenta agora mistificada no "ultra esquerdistismo" que finge querer a *luta armada imediata...* e que tudo o mais vá para o inferno. Bota fora a água do banho com a criança, como vemos. Se fosse gente a ser levada a sério, isto é, ainda que representativa apenas de pequena parcela da classe operária, caberia perguntar: onde estão as indispensáveis condições tomadas da experiência histórica e indicadas por [Marx](#), [Engels](#) e [Lenin](#)? Por acaso estariam corporificadas no governo neofascista de Costa e Silva, armado de decretos e leis totalitários, que têm o apoio da *maioria absoluta* dos burgueses nacionais, com o beneplácito de seus sócios comandatários do imperialismo? Ou, então, nos sindicatos paralisados pelos "pelegos", nas organizações políticas proletárias *desbaratadas* quando não reduzidas à expressão mínima, sem ligação com as massas, que nelas não confiam? E os movimentos reivindicatórios da classe operária e dos trabalhadores *não proletários*? Uma ou outra greve, ainda que expressiva das potencialidades das massas, quando irrompem são *rigidamente* enquadradas nos decretos castelistas e se esgotam pelo neofascismo. E a imprensa proletária? E a tribuna operária? E o democratismo pequeno-

burguês que não aceita este estado de coisas, mas por si só é *incapaz de* dar um passo à frente, *bem pelo contrário*?

Luta armada na boca dessa gente não passa de pilhéria não apenas de mau gosto como mal-intencionada, porque é a máscara "ultra-esquerdista" do [oportunismo](#). Já o dissemos e vamos repetir: *luta armada*, isto é, insurreição quando autêntica e não mero "golpe" aventureiro é o ponto culminante de um processo revolucionário, envolvendo, direta ou indiretamente, centenas de milhares ou milhões de indivíduos.

E seu instrumento *necessário e insubstituível* são os partidos proletários revolucionários, com raízes profundas nos centros urbanos e no interior.

Os que querem *realmente* e não apenas em palavras a luta armada para a conquista do poder operário devem aceitar amparados na história recente, que seu *momento* surgirá no curso de uma profunda *mobilização* das massas trabalhadoras, acionadas desde agora por reivindicações econômicas e políticas, *ainda que elementares*. Liberdades democráticas (contra a Constituição neofascista, contra a Lei de Segurança, contra a asfixia dos sindicatos, pela legalidade do movimento político operário, pela anistia etc.) e *luta pelo socialismo* não são incompatíveis. Bem o oposto: há uma inter-relação dialética entre os combates pelos direitos democráticos dos trabalhadores e as batalhas decisivas pelo Socialismo. Charlatanismo "ultra esquerdista", desprezando as reivindicações no nível em que no momento se apresentam, contribui para conter a classe operária e mantê-la na passividade. A melhor escola de socialismo é a luta de classe e esta, nas condições do Brasil, pode e deve revestir-se de múltiplas formas, desde as mais elementares e legais até as mais radicais e ilegais.

Uma combinação segura dessas formas de luta porá, com certeza, o proletariado e seus aliados na estrada ascendente da revolução socialista. As revoluções contemporâneas nos mostram. A menos que se queira passar gato por lebre apresentando como luta pelo socialismo aventuras "voluntaristas" de pequeno-burgueses "iluminados" que, na prática, espalham confusão e promovem a desorganização, colaborando, ainda que involuntariamente, com o inimigo de classe: a burguesia nacional e o imperialismo.

Convém, ainda uma vez, citar [Lenin](#):

.. os revolucionários que não sabem combinar as formas ilegais de luta com todas as formas legais são maus revolucionários. E mais: tomar seu desejo, seu ideal político por uma realidade objetiva. Este é o mais perigoso de todos os erros para os revolucionários.

Agosto de 1967

FONTE - <https://www.marxists.org/portugues/sachetta/1967/08/combates.htm>,

Sobre a Organização dos Revolucionários

Esta página é dedicada a publicação de textos que marcaram época e lideranças, como foi o caso de Carlos Marighella e sua luta, além da influência sobre milhares de jovens militantes em todo o mundo.

Carlos Marighella - agosto de 1969

Em todo e qualquer lugar onde exista nossa Organização, é preciso que os companheiros façam alguma coisa.

Nossa Organização revolucionária cresce à medida que faz ações e não à medida que recebe ajuda dos assistentes políticos mandados de outra parte.

A ação, por sua vez, só é possível criando uma infra-estrutura para tal. Não se trata de ter agora uma coordenação nacional para dirigir, pois neste caso estaríamos criando primeiro uma estrutura orgânica a partir de uma cúpula. Este caminho orgânico é próprio de quem está empenhado em construir um partido ou uma organização para fazer a revolução.

Nosso caminho é outro: para nós o fundamental é primeiro a ação e a estratégia. A organização é consequência disto e surge simultaneamente com a ação revolucionária. A organização surge pela base e não pela cúpula.

Toda a infra-estrutura revolucionária é baseada na conceituação estratégica e decorre da ação correlata com a estratégia revolucionária. Não pode haver infra-estrutura revolucionária sem aperfeiçoamento técnico do guerrilheiro.

Para manejar as armas, explosivos, munições; para fazer sabotagem, colocar minas, explosivos, explodir pontes, precisamos de técnicos e técnicos com visão estratégica da revolução brasileira.

Com os guerrilheiros que possuem preparo técnico é que podemos montar uma correta infra-estrutura revolucionária.

O mais importante para nós são os quadros, que devem ser aperfeiçoados. Sem os quadros, sem os homens revolucionários decididos, a potência de fogo da revolução não tem valor. Os homens decidem tudo. Se não fosse assim, as armas decidiriam e nós só precisaríamos também de armas e não, sobretudo, de homens que as manejassem.

A estratégia em nossa organização está colocada em primeiro plano. O comando pertence ao centro

estratégico, ao qual está afeto o lançamento da guerrilha e do qual participam todos aqueles que exercem tarefas estratégicas.

O ponto global da revolução brasileira já existe e vem sendo posto em prática. O plano local decorre do plano global e deve ser efetivado através de ações táticas mesmo em caso de desligamento temporário ou prolongado do centro estratégico.

Na primeira fase de nossa luta, os maiores recursos são encaminhados para a formação dos quadros e para a ação estratégica e não para estruturar a organização abandonando a ação revolucionária. Isto põe a questão da revolução não nas costas de uma organização perfeita e acabada, mas ao contrário, a ação é que tem preferência. Jamais a estrutura orgânica precede a ação ou a revolução. A ação é que faz a vanguarda.

Alguns companheiros pensam que nossa Organização já está constituída, perfeita e acabada. Tal pensamento não é correto. Nossa Organização vai se edificando à medida que a ação aparece.

Cada componente de nossa Organização tem que fazer a sua parte. A experiência tem que ser de todos.

Os dirigentes de nossa Organização não podem provir de eleições. Os dirigentes surgem da ação e da confiança que despertam pela sua participação pessoal nas ações.

Todos nós somos guerrilheiros, terroristas e assaltantes e não homens que dependem de votos de outros revolucionários ou de quem quer que seja para se desempenharem do dever de fazer a revolução. O centralismo democrático não se aplica a Organizações revolucionárias como a nossa.

Em nossa Organização o que há é a democracia revolucionária. E democracia revolucionária é o resultado da confiança no papel desempenhado pela ação revolucionária e nos que participam da ação revolucionária.

Alguns companheiros pensam que a Organização revolucionária é

constituída de antemão e funciona completa antes que a revolução tenha dado frutos.

Não. A Organização é falha e débil enquanto a revolução é débil. À medida que crescem as ações, cresce a Organização. A Organização parte da estaca zero.

Quando a revolução vence, a Organização tem que enfrentar novos problemas e é reformulada de acordo com a nova situação. A vanguarda surge no curso da revolução e quando a vitória é conquistada.

Os princípios orgânicos para a construção de um partido que precede a revolução são uma coisa, os princípios de uma Organização como a nossa, que se constitui como decorrência da ação revolucionária são outra coisa. Estes princípios são quatro: o dever de todo revolucionário é fazer a revolução;

não pedimos licença a ninguém para praticarmos atos revolucionários; só temos compromisso com a revolução;

só agimos por meios revolucionários.

Estabelecidas nossas premissas e adotados os princípios pelos quais nos regemos, que não são os do centralismo democrático, e iniciada a ação revolucionária, tudo mais é consequência. Quem não estiver em condições de enfrentar as consequências, sofrerá uma desilusão e se verá à margem do caminho da revolução.

É perigoso pensar que temos uma força que ainda não possuímos. Quando nossa ação não tem um volume razoável e a desigualdade do movimento revolucionário é muito grande de uma região para outra, a Organização em conjunto é obrigado a refletir o pouco volume de ação e a desigualdade do movimento.

O que resolve a falha da Organização é o crescimento do movimento, o aumento do volume das ações, a superação da desigualdade do movimento revolucionário de região para região.

Ação Libertadora Nacional (ALN).

CARLOS MARIGHELLA - 1911-1969 - Aos 18 anos iniciou curso de Engenharia na Escola Politécnica da



Bahia e tornou-se militante do Partido Comunista. Conheceu a prisão pela primeira vez em 1932, após escrever um poema contendo críticas ao interventor da Bahia. Em 1932 muda-se para o Rio de Janeiro. Em 1o de maio de 1936 Marighella foi novamente preso e enfrentou, durante 23 dias, as terríveis torturas da polícia. Permaneceu encarcerado por um ano sendo solto pela “macedada” – nome da medida que libertou os presos políticos sem condenação. Transferindo-se para São Paulo, Marighella passou a agir em torno de dois eixos: a reorganização dos revolucionários comunistas, duramente atingidos pela repressão, e o combate ao terror imposto pela ditadura de Getúlio Vargas. Voltaria aos cárceres em 1939, sendo mais uma vez torturado de forma brutal na Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, mas se negando a fornecer qualquer informação à

polícia. Recolhido aos presídios de Fernando de Noronha e Ilha Grande pelos seis anos seguintes, ele dirigiria sua energia revolucionária ao trabalho de educação cultural e política dos companheiros de cadeia. Anistiado em abril de 1945, participou do processo de redemocratização do país e da reorganização do Partido Comunista na legalidade. Foi eleito deputado federal constituinte pelo estado da Bahia. Com o mandato cassado pela repressão que o governo Dutra desencadeou contra o comunistas, Marighella foi obrigado a retornar à clandestinidade em 1948, condição em que permaneceria por mais de duas décadas, até seu assassinato. Nos anos 50, exercendo novamente a militância em São Paulo, tomaria parte ativa nas lutas populares do período, em defesa do monopólio estatal do petróleo e contra o envio de soldados brasileiros à Coréia e a desnacionalização da economia. Cada vez mais, Carlos Marighella voltaria suas reflexões em direção do problema agrário, redigindo, em 1958, o ensaio “Alguns aspectos da renda da terra no Brasil”, o primeiro de uma série de análises teórico-políticas que elaborou até 1969. Após o golpe militar de 1964, Marighella foi novamente preso. Repetindo a postura de altivez das prisões anteriores, Marighella fez de sua defesa um ataque aos crimes e ao obscurantismo que imperava desde 1º de abril. Conseguiu, com isso, catalisar um movimento de solidariedade que forçou os militares a aceitar um habeas-corpus e sua libertação imediata. Desse momento em diante, intensificou o combate à ditadura utilizando todos os meios de luta na tentativa de impedir a consolidação de um regime ilegal e ilegítimo. Na ocasião, Carlos Marighella aprofundou as divergências com o Partido Comunista, criticando seu imobilismo. Em dezembro de 1966, em carta à Comissão Executiva do PCB, requereu seu desligamento da mesma, explicitando a disposição de lutar revolucionariamente junto às massas, em vez de ficar à espera das regras do jogo político e burocrático convencional que, segundo entendia, imperava na liderança. E quando já não havia outra solução, conforme suas próprias palavras, fundou a ALN – Ação Libertadora Nacional para, de armas em punho, enfrentar a ditadura. Na noite de 4 de novembro de 1969, surpreendido por uma emboscada, Carlos Marighella tombou varado pelas balas dos agentes da repressão.

VI Congresso Nacional do MPS - PSB

AUTORREFOMA

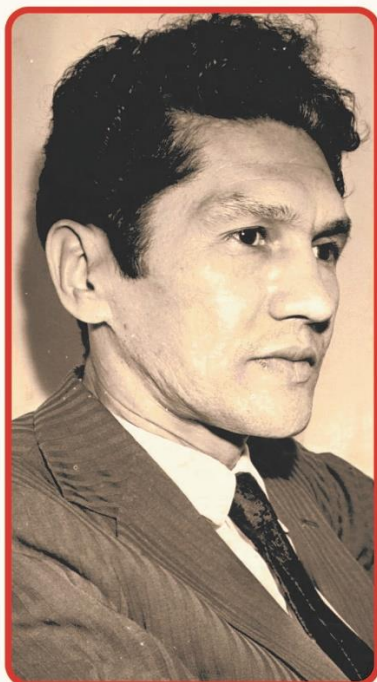
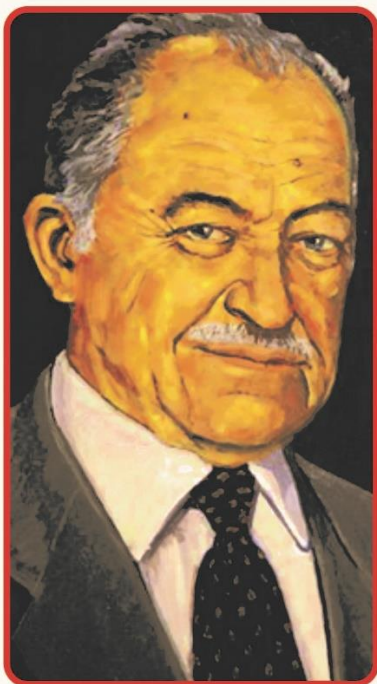
construindo Um novo PSB uma Nova Esquerda e uma Nova Internacional

Dia 28/04/2022 das 09 as 16 hs

PSB

MPS
MOVIMENTO POPULAR SOCIALISTA
Partido Socialista Brasileiro

**Por Arraes, Eduardo e Julião.
Somos a Revolução.
Lutaremos.**



**Por um PSB de quadros e de massa;
E um MPS nas ruas e nas redes.**

VENCEREMOS



**Um Novo PSB.
Uma Nova Esquerda.
Uma Nova Internacional.
MPS
Na AUTORREFORMA**



